



## AVALIAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS DE CONTRACEPÇÃO DE EMERGÊNCIA POR JOVENS DE CRUZ ALTA - RS

BRUSCO, Indiará<sup>1</sup>; SILVA, Janaína<sup>1</sup>; KIPPER, Mauri<sup>1</sup>; MULLER, Priscila<sup>1</sup>; PREDIGER, Jessica<sup>1</sup>; RAUBER, Fabiana<sup>1</sup>; PAIM, Clésio Soldateli<sup>2</sup>

**Palavras Chaves:** Pílula do dia seguinte. Contracepção de Emergência

### Introdução

O uso de métodos contraceptivos tem aumentando no Brasil nos últimos anos e, juntamente com eles, o uso da contracepção de emergência, a qual previne a gravidez após a relação sexual desprotegida e consta nas Normas de Planejamento Familiar do Ministério da Saúde, desde 1986, como um método passível de utilização em casos de relações sexuais de risco, sem utilização de método anticonceptivo, possível falha no método utilizado ou em estupros. Sendo a pílula do dia seguinte uma opção pós-relação sexual poderia estimular o sexo sem proteção e com isso o seu uso indiscriminado, lembrando que a taxa de falência do método também aumenta quando o período de utilização é menor que um ano (CASTRO *et al.*, 2009).

Existem dois métodos para se realizar a contracepção de emergência: o Yuzpe, administração combinada de estrogênio (etinilestradiol) e progestogênio (levonogestrel) sintéticos e o método com levonorgestrel, que utiliza somente anticoncepcionais à base deste fármaco, e é capaz de adiar ou até mesmo inibir a ruptura folicular, ou ainda interferir com a formação e com a função do corpo lúteo (DURAND *et al.*, 2001). Além disso, pode alterar a motilidade dos espermatozoides, por aumentar o pH do fluido uterino e a viscosidade do muco cervical, interferir no preparo do endométrio, resultando em meio desfavorável para a implantação do zigoto, além da alteração da motilidade tubária por inversão do peristaltismo e do batimento das fímbrias o que impediria a captação e o transporte do óvulo pela tuba em direção ao útero (ZUCCHI *et al.*, 2004). Conforme GOLD e colaboradores (*apud* ARAÚJO, 2009) essas formulações são efetivas quando administradas 72 h a 120 h após a relação sexual, no entanto têm maior efetividade quando a primeira dose é administrada nas primeiras 12 h, ou, na opção de dose única, seguindo o mesmo critério. Deve-se considerar que a pílula do dia seguinte não atua após a implantação do embrião, ou seja, não têm ação em mulheres grávidas, não se caracterizando, assim, como método abortivo. O uso regular da pílula do dia seguinte preocupa médicos; representantes da Associação Interdisciplinar da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA), secretaria municipais de saúde, representantes da Igreja

<sup>1</sup> Acadêmicos do Curso de Farmácia da Universidade de Cruz Alta-RS

<sup>2</sup> Professor Dr. da Universidade de Cruz Alta-RS



Católica, entre outros órgãos. Pesquisas realizadas pelo Ministério da Saúde apontam que a prática do sexo casual cresceu e, no entanto a utilização da camisinha diminuiu. Esta mudança comportamental implica em vários riscos associados ao exercício impensado da sexualidade, cujas consequências são bem conhecidas: gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis (HPV e SIDA) e aborto (SATIO e LEAL, 2007). Portanto este trabalho teve como objetivo avaliar o conhecimento e a utilização de métodos contraceptivos orais de emergência por mulheres jovens de Cruz Alta, em escolas públicas e na Universidade de Cruz Alta – RS. Bem como, realizar ações informativas no sentido de esclarecer o público alvo sobre a sua correta administração, e efeitos adversos decorrentes da sua utilização irracional.

### **Metodologia**

Foi realizado um estudo transversal descritivo com mulheres jovens em uma escola e na Universidade do município de Cruz Alta - RS. Foram aplicados, por meio de seleção aleatória, 126 questionários autopreenchíveis, pré-codificados e anônimos elaborados pelos autores. Sendo estes compostos por seções de perguntas diretas, sobre o conhecimento prévio dos métodos anticoncepcionais, conhecimento sobre transmissão e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e utilização de métodos anticoncepcionais. Além de questões específicas como conhecimento sobre os efeitos colaterais e a utilização racional dos contraceptivos de emergência.

### **Resultados e discussão**

Dos resultados obtidos verificamos que 95,9 % das mulheres jovens entrevistadas na escola afirmaram ter conhecimento do que é a pílula do dia seguinte. Dados semelhantes foram obtidos nos questionários aplicados na universidade (92,4%). No entanto, das respostas na escola sobre qual é a ação e o efeito da pílula no organismo apenas 34,9% estavam corretas, dentre elas a maioria foi relacionada a uma alta dosagem hormonal e que a mesma não deixa ocorrer a fecundação; 65,1% responderam que não tinham conhecimento sobre os efeitos ou responderam incorretamente, e entre as respostas incorretas: esterilidade, aborto e infertilidade foram as mais citadas. Já na universidade 58,3% das entrevistadas respondeu corretamente qual é a ação e o efeito da mesma no organismo, e dentre as respostas, a sobrecarga hormonal e o impedimento da implantação do blastocisto no útero; 41,7% ou não tinham conhecimento, ou achavam que tinham e responderam incorretamente, entre as respostas erradas o efeito abortivo foi mais citado. Resultados encontrados por CASTRO (2009) relatam que a maioria das jovens afirma que a ação da pílula é impedir a implantação



do zigoto no endométrio, além de outras respostas como causar aborto. Isso mostra que há uma falta de conhecimento por parte dos alunos a respeito da ação da pílula de contracepção de emergência.

Com relação à utilização da contracepção de emergência, nossos estudos demonstraram que na universidade 22,6% das mulheres jovens já fizeram o uso e pelo menos metade delas repetiu. Na escola o resultado foi de 9,6% e pelo menos um terço delas repetiu o uso. Em um estudo realizado por BASTOS, 2008 *apud* BATAGLIÃO, 2011 com alunas de graduação de uma Universidade Pública na cidade de São Paulo, 44,9% das entrevistadas já tinham utilizado a contracepção de emergência, e aproximadamente metade dessas jovens repetiu o uso por mais de uma vez, o que é preocupante já que a pílula tem sua eficácia diminuída com o uso frequente.

Os dados coletados em nosso questionário também demonstraram que 76,7% das entrevistadas na escola possuem vida sexual ativa e destas, 84,9% utilizam métodos contraceptivos, sendo que, 15,1% utilizam preservativo, 38,3% utiliza pílula contraceptiva mensal, 24,6% utiliza preservativo + pílula. Na universidade os índices demonstraram 84,9% com vida sexual ativa e 92,4% utilizam métodos contraceptivos, sendo que 15,9% preservativo, 43,4% pílula mensal e 32,1% pílula + preservativo.

Os resultados demonstraram um baixo índice na utilização de preservativos para o público em geral, no entanto esses valores foram superiores quando os dados de parceiro fixo e utilização de preservativo foram associados, onde 48,1% e 48,7% das entrevistadas com parceiro fixo na escola e na universidade utilizam preservativo respectivamente. Conforme CARVALHO e PICCININI (2008), dados da vigilância epidemiológica revelam que os índices de infecção feminina pelo HIV/SIDA são altos em mulheres casadas que mantêm relações sexuais somente com seus maridos. As mulheres que mais estão se infectando são justamente aquelas que se acreditam fora de qualquer risco, o que as torna mais vulneráveis, diferentemente do pensamento de grande parte da população, a qual acredita que as mulheres promíscuas são as responsáveis pelo aumento nos índices de infecção feminina. Estudo de GIACOMOZZI e CAMARGO (2004) realizado com mulheres que viviam em união estável demonstrou que o sentimento de segurança no casamento e da confiança no parceiro foram as explicações frequentes para a não utilização do preservativo, constituindo fator de vulnerabilidade para ambos. Em relação às entrevistadas que possuem vida sexualmente ativa e não tem parceiro fixo 85,7% das estudantes universitárias utilizam preservativo, no entanto apenas 33,3% das entrevistadas na escola apresentavam o mesmo comportamento, mesmo considerando uma amostragem de apenas aproximadamente 10% das entrevistadas. Esse dado



se mostra preocupante, visto que, segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2011) a cidade de Cruz Alta é classificada como 29ª na taxa de incidência (por 100.000 hab.) de casos de SIDA notificados no Sistema Nacional de Atendimento Médico (SINAN).

## Conclusão

A partir dos resultados obtidos verificamos que 95,9 % e 92,4% das mulheres jovens entrevistadas na escola e na universidade, respectivamente, afirmaram ter conhecimento do que é a pílula do dia seguinte. Em relação à utilização da contracepção de emergência, nossos estudos demonstraram que na universidade 22,6% das mulheres jovens já fizeram o uso e pelo menos metade delas repetiram, enquanto na escola 9,6% e pelo menos um terço delas repetiu o uso. A partir do questionário foi possível verificar que apenas 48,7% e 48,1% das mulheres entrevistadas na escola e na universidade, com parceiro fixo, utilizam preservativos.

## Referências

- GIACOMOZZI, A.I.; CAMARGO, B.V.; Eu confio no meu marido: estudo da representação social de mulheres com parceiro fixo sobre prevenção da AIDS. **Psicol Teor Prat.** 2004; 6(1):31-44.
- CARVALHO, F.T.; PICCININI, C.A.; Aspectos históricos do feminino e do maternal e a infecção pelo HIV em mulheres. **Ciência & Saúde Coletiva**, 13(6):1889-1898, 2008.
- CASTRO, J.F.; RODRIGUES, V.M.C.P. Conhecimentos e atitudes dos jovens face à contracepção de emergência **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, vol.43 no.4, Dez. 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Contracepção de emergência: evidências versus preconceitos. Uso Racional de Medicamentos. Temas Seleccionados, 2005;
- ZUCCHI, R.M.; ELITO J.JR.; ZUCCHI, F.; CAMANO, L. Gravidez ectópica após uso de contracepção de emergência: relato de caso, **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, vol.26 no.9, Oct. 2004.
- ARAÚJO, M.S.P.; COSTA, L.O.B.F. Comportamento sexual e contracepção de emergência entre adolescentes de escolas públicas de Pernambuco, **Brasil Revista Cadernos de Saúde Pública** vol.25 no.3 Rio de Janeiro Mar. 2009.
- BATAGLIÃO, E.M.L.; MAMEDE, F.V. Conhecimento e utilização da Contracepção de Emergência por acadêmicos de enfermagem. **Revista Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, vol.15 no.2, Apr./June 2011.
- BRASIL. Ministério da Saúde **Boletim Epidemiológico - Aids e DST**. Ano VIII - nº 1 - 27ª a 52ª - semanas epidemiológicas - julho a dezembro de 2010 Ano VIII - nº 1 - 01ª a 26ª - semanas epidemiológicas - janeiro a junho de 2011.